



***APRENDENDO A SER HOMEM: PRÁTICAS HOMOSSOCIAIS DE
MOTIVAÇÃO E INCENTIVO NA MUSCULAÇÃO***

***LEARNING TO BE A MAN: HOMOSOCIAL PRACTICES OF
MOTIVATION AND ENCOURAGEMENT IN BODYBUILDING***

***APRENDIENDO A SER HOMBRE: PRÁCTICAS HOMOSOCIALES DE
MOTIVACIÓN Y ESTÍMULO EN LA MUSCULACIÓN***

Alan Camargo Silva¹

RESUMO

Este estudo etnográfico buscou analisar e entender como a homosocialidade masculina pode constituir formas de motivação e incentivo que ensinam a “ser homem” na prática da musculação. A partir de observações em duas academias do Rio de Janeiro, identificaram-se múltiplas lógicas de pertencimento, ajuda mútua e julgamento entre os frequentadores. Apreendeu-se como os marcadores sociais da diferença e os contextos socioculturais influenciam os modos de engajamento masculino na musculação. Concluiu-se que tais espaços operam como territórios pedagógicos, onde se aprendem e se negociam formas legítimas de “ser homem”.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Homens. Aprendizagem. Etnografia.

RESUMEN

Este estudio etnográfico buscó analizar y comprender cómo la homosocialidad masculina puede constituir formas de motivación y estímulo que enseñan a “ser hombre” en la práctica de la musculación. A partir de observaciones en dos gimnasios de Río de Janeiro, se identificaron múltiples lógicas de pertenencia, ayuda mutua y juicio entre los participantes. Se evidenció cómo los marcadores sociales de la diferencia y los contextos socioculturales influyen en las formas de involucramiento masculino en la musculación. Se concluye que estos espacios funcionan como territorios pedagógicos donde se aprenden y negocian formas legítimas de “ser hombre”.

PALABRAS-CLAVE: Masculinidades. Hombres. Aprendizaje. Etnografía.

ABSTRACT

This ethnographic study aimed to analyze and understand how male homosociality can shape forms of motivation and encouragement that teach “how to be a man” in the practice

¹ Doutor em Saúde Coletiva. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

of bodybuilding. Based on observations in two gyms in Rio de Janeiro, multiple logics of belonging, mutual support, and judgment among participants were identified. The study highlights how social markers of difference and sociocultural contexts influence male engagement in bodybuilding. It concludes that such spaces operate as pedagogical territories where legitimate ways of “being a man” are learned and negotiated.

KEYWORDS: Masculinities. Men. Learning. Ethnography.

Introdução

Entre barras, espelhos e corpos suados, práticas como a musculação são atravessadas por disputas simbólicas sobre o que significa “ser homem”. Longe de serem apenas espaços de exercício físico, as academias se consolidam como arenas cotidianas nas quais as masculinidades são performadas, vigiadas e (re)negociadas em interações face a face. Neste texto, parto da compreensão de que tais ambientes também educam — não no sentido escolarizado, mas por meio de pedagogias que ensinam a agir, olhar, falar e se comportar como homem. Em outras palavras, com base em Jaume Trilla (2008), argumento que há processos educacionais generificados no “chão da musculação”.

Assim, ao considerar a musculação como um ambiente educacional (Alan Camargo Silva; Jaqueline Ferreira, 2020a), é possível compreender que ali circulam sentidos, valores e normas que colaboram na constituição de modos de ser homem na contemporaneidade. Se, na escola, podem haver padrões e regulações acerca do masculino, por vezes, em cenários de violência (Paulo Melgaço da Silva Júnior; Leandro Teofilo de Brito, 2018; Brito; Dilton Ribeiro Couto Junior, 2019), este trabalho faz emergir a musculação como um espaço no qual também existem regulações e subversões que pedagogizam comportamentos dos praticantes homens.

Em um primeiro momento e especificamente sobre o recorte em tela, pode se ter a ideia de que a compreensão sobre a motivação ou o incentivo no campo das práticas corporais e esportivas associa-se exclusivamente à área da Psicologia (do Esporte). Entretanto, nos últimos anos, tal campo de saber vem assumindo uma interface inter/pluridisciplinar a fim de capturar as múltiplas dimensões dos(as) praticantes/atletas em uma perspectiva biopsicossocial (Katia Rubio, 1999).

Neste contexto, o presente trabalho se reserva à abordagem antropológica no sentido de explorar os aspectos socioculturais que influenciam, de algum modo, nas aspirações e comportamentos dos sujeitos em dado espaço social e tempo histórico (François Laplantine, 2007). Destaca-se que as visões de mundo, as apreciações

judicativas e as ações dos sujeitos são (re)construídas em uma determinada cultura (Roque de Barros Laraia, 2001). Isto é igualmente verdadeiro quando se trata dos sentimentos e das emoções, já que também são moldados ou educados moral e coletivamente (Marcel Mauss, 2015).

Nos últimos anos, alguns estudos vêm se interessando sobre a temática relacionada aos homens e masculinidades em diferentes cenários de culto/cultivação do corpo na musculação (Alan Camargo Silva, 2017; Edyr Batista de Oliveira Júnior, 2017; Victor Cesar Belloni dos Santos; Vagner Matias do Prado; Marcos Vinicius Francisco, 2021; Rafael Marques Garcia, 2022). Ante esta produção de conhecimento, o presente texto apresenta certo ineditismo quanto ao objeto de pesquisa ao focalizar nos processos educativos contidos nas interações e relações entre homens, no que diz respeito às situações de motivação e incentivo com a prática da musculação. Este recorte de pesquisa difere daqueles já aprofundados em outros trabalhos (Silva; Ferreira, 2016; 2018; 2019; 2020b). Assim, entendo que o presente estudo flerta com a recente produção de Lucas Maroto Moreira (2023) ao aprofundar modos como homens aprendem (e também ensinam) determinadas masculinidades no cenário da malhação.

Destarte, parte-se do referencial teórico-metodológico capitaneado por Robert Connel (1995); Connel e James Messerschmidt (2013) com a intenção de explorar analiticamente a homosocialidade de homens que exercitam não somente os músculos na musculação, mas também modos de pertencimento social. A homosocialidade pode ser compreendida como um relacionamento não afetivo-amoroso de diferentes ordens entre pessoas do mesmo gênero, como ocorre entre homens, por exemplo (Mara Viveros Vigoya, 2018). No caso aqui, restringe-se à musculação como um desses espaços reservados à aprendizagem sobre um modo de “ser masculino”.

Logo, neste estudo, trata-se de um compartilhamento de experiências masculinas sobre se manter ativo na musculação e que expressam a diversidade de “ser homem”, em especial, no contexto urbano das grandes metrópoles. Decerto, consideram-se aqui os processos interseccionais que modulam essas masculinidades em um cenário citadino que costuma ser tão complexo e desigual em diferentes instâncias sociais (Maria Luiza Heilborn; Sérgio Carrara, 1998). Afirmar-se, assim, que os significados de masculinidade e as relações de poder subjacentes ao “ser homem” variam profundamente entre diferentes contextos socioculturais (Michael Kimmel, 1998).

Investigações desse porte contribuem para a área de Educação Física/Espportes ao ampliar a concepção teórica e política de formandos(as) e de professores(as) sobre os

elementos socioculturais que educam os praticantes/homens em direção à ação em dadas práticas corporais e esportivas dentro e fora do âmbito educacional (Brito; Miriam Leite, 2017; Fabiano Pries Devede; Brito, 2021). Já no campo antropológico (do Esporte), este tipo de abordagem de pesquisa aprofunda e desnaturaliza uma suposta propensão inata ou psicologizada de como os homens se comportam ante os desafios de se envolver com dados esforços físicos.

Além disso, estudos como este também são fundamentais para o campo educacional ao ampliarem a compreensão de que os processos de formação de gênero e masculinidades não se restringem aos espaços escolares, mas se dão também em territórios dito não-formais (Trilla, 2008), onde se aprendem, performam e naturalizam modos de ser homem. Se na escola, por vezes, impera a ideia das masculinidades heterossexuais ou dos chamados “meninos normais” (Fernando Seffner, 2019), questiona-se até que ponto o “ser homem” também é educado ou colocado em xeque em outros espaços sociais. Assim, aspira-se, portanto, contribuir para aplicações práticas contextualizadas em diversas áreas de saber que (in)diretamente abordam ou lidam com as escolhas e ações de outros tipos de homosocialidade de homens.

Logo, o objetivo do recorte do presente estudo foi analisar e entender como a homosocialidade masculina pode constituir formas de motivação e incentivo que ensinam a “ser homem” na prática da musculação.

Procedimentos metodológicos

Este texto parte dos dados do trabalho de campo (etnográfico) não utilizados no meu estudo desenvolvido no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ). A minha tese intitulada “‘Limites’ corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas” teve como objetivo geral conhecer como eram construídas as noções de “limites” corporais pelos praticantes no setor da musculação em duas academias de ginástica, uma de grande e outra de pequeno porte. Durante o trabalho de campo, notou-se a dinâmica de motivação e incentivo predominante de culto e cultivação corporal entre homens em ambos os espaços (Silva, 2014).

Resumidamente, na cidade carioca, a observação participante ocorreu durante um ano em um estabelecimento de pequeno porte localizado no bairro popular da Cidade de Deus (academia P) e outro filiado a uma rede brasileira famosa de academias no bairro nobre da Barra da Tijuca (academia G). Com efeito, o grau de escolaridade e a renda

familiar variavam profundamente entre estes grupos sociais. Destaco também que, no espaço da musculação da academia P, eu convivia majoritariamente com homens que se identificavam como negros e heterossexuais. Na academia G, grande parte do público se autodeclarava branco e deixava outras orientações sexuais mais evidentes. Em ambos os contextos, ainda que a faixa etária dos frequentadores variasse aproximadamente entre 15 e 50 anos, a maior concentração situava-se entre 25 e 35 anos.

Entre julho de 2012 a julho de 2013, frequentei os estabelecimentos supramencionados entre duas a três vezes na semana, durante quatro a cinco horas por dia, especialmente no turno vespertino/noturno (T/N). Elaborei uma planilha que registrasse o quantitativo de horas de trabalho de campo, como pode ser observado na Figura 1 abaixo.

FIGURA 1: Quadro descritivo do trabalho de campo.

DIA	JUL/12	AGO/12	SET/12	OUT/12	NOV/12	DEZ/12	JAN/13	FEV/13	MAR/13	ABR/13	MAI/13	JUN/13	JUL/13
1		5h (T/N)		4h (T/N)						4h (T/N)			
2		4h (M)		4h (T/N)			3h (T/N)			3h (T/N)			4h (T/N)
3			4h (T/N)	4h (T/N)		4h (T/N)	3h (M)			3h (T/N)	4h (T/N)	4h (T/N)	
4						4h (T/N)		4h (T/N)	4h (T/N)				
5				4h (T/N)	3h (T/N)	4h (T/N)		3h (T/N)	3h (T/N)				
6		4h (T/N)		4h (T/N)				4h (T/N)	3h (T/N)		4h (T/N)		
7		4h (T/N)			3h (T/N)	3h (T/N)	3h (T/N)				4h (T/N)		
8				4h (T/N)			5h (T/N)			4h (T/N)			2h (T/N)
9				4h (T/N)	4h (T/N)		3h (T/N)						
10		5h (T/N)	3h (T/N)	4h (T/N)		3h (M)	3h (T/N)			4h (T/N)		4h (T/N)	3h (T/N)
11			3h (T/N)	4h (T/N)		3h (T/N)			4h (T/N)				
12					3h (T/N)	4h (T/N)						4h (T/N)	
13		4h (T/N)			3h (T/N)				3h (T/N)			4h (T/N)	
14		4h (T/N)	5h (T/N)		3h (T/N)	4h (T/N)	3h (T/N)	4h (T/N)			4h (T/N)		
15				3h (T/N)			3h (T/N)	3h (T/N)		4h (T/N)	4h (T/N)		
16	6h (T/N)			4h (T/N)	3h (M)		3h (T/N)						
17		5h (T/N)	4h (T/N)	4h (T/N)		3h (T/N)	4h (T/N)			4h (T/N)		4h (T/N)	
18	5h (T/N)					3h (T/N)		3h (T/N)	4h (T/N)				
19	4h (M)			4h (T/N)	3h (T/N)			3h (T/N)		3h (T/N)			
20	5h (T/N)	4h (T/N)	4h (M)			3h (T/N)		4h (T/N)	5h (T/N)		2h (T/N)	4h (T/N)	
21		4h (T/N)	5h (T/N)		4h (T/N)	3h (T/N)	4h (T/N)						
22				4h (T/N)			3h (T/N)		3h (T/N)				
23	5h (T/N)			4h (T/N)			3h (T/N)						
24	4h (M)	5h (T/N)	4h (T/N)	4h (T/N)						5h (T/N)	4h (T/N)	4h (T/N)	
25	5h (T/N)		4h (T/N)					4h (T/N)	4h (T/N)				
26			2h (M)	4h (T/N)	4h (T/N)	4h (T/N)		3h (T/N)					
27		4h (T/N)	4h (T/N)	4h (T/N)	4h (T/N)	3h (T/N)		3h (T/N)	5h (T/N)		4h (T/N)		
28		4h (T/N)	5h (T/N)		3h (T/N)		4h (T/N)					5h (T/N)	
29				4h (T/N)			4h (T/N)			4h (T/N)	4h (T/N)		
30	5h (T/N)			4h (T/N)	4h (T/N)		3h (T/N)						
31	4h (M)	4h (T/N)		3h (T/N)									
TOTAL	Acad. P 43 horas	Acad. P 60 horas	Acad. P 41 horas	Acad. P 35 horas	Acad. P 24 horas	Acad. P 20 horas	Acad. P 20 horas	Acad. P 14 horas	Acad. P 16 horas	Acad. P 19 horas	Acad. P 14 horas	Acad. P 12 horas	Acad. P 2 horas
	Acad. G 0 horas	Acad. G 0 horas	Acad. G 6 horas	Acad. G 39 horas	Acad. G 24 horas	Acad. G 28 horas	Acad. G 34 horas	Acad. G 24 horas	Acad. G 26 horas	Acad. G 19 horas	Acad. G 20 horas	Acad. G 17 horas	Acad. G 7 horas

Fonte: arquivo pessoal.

Embora o tempo de permanência no campo em um trabalho etnográfico não determine a qualidade de apreensão da lógica nativa (Bronisław Malinowski, 1980), ponto que a duração foi fundamental para entender como os homens se motivavam/incitavam de forma oscilatória na musculação ao longo das

semanas/meses. Para compreender o meu processo de reflexividade e o trabalho de campo, recomendo a leitura de Silva (2021)².

Malhando com(o) homens...

Esta seção está dividida em dois eixos analíticos derivados do trabalho de campo etnográfico em ambas as academias. O tópico intitulado “Bora porra! Todo mundo aqui é pica!” se reporta aos olhares dos frequentadores para si e para todos os sujeitos que ali, a todo instante, se comparavam corporalmente como um modo de estimular o outro a se engajar nos exercícios. Já o segundo, “Quer uma ‘bola’ aí?”, retrata como os homens retroalimentavam modos de “ser homem” a partir da (não) disposição para ajudar a malhar.

Para além de qualquer reducionismo, determinismo ou essencialização identitária, argumento, com base em Roberta Sassatelli (2000), que as interações face a face entre homens na musculação pode (re)produzir singularmente determinadas masculinidades, afetando diretamente o engajamento da prática da musculação ou na própria vida social. Aproveito, portanto, este setor da academia como um território situacional (Stéphane Malysse, 2007) com o intuito de verificar como as interações sociais entre eles generificam e são generificadas (Erving Goffman, 1977; 1979). Em outras palavras, à luz de Daniel Welzer-Lang (2001), parto da premissa de que o espaço da musculação se caracteriza por mais um lugar no qual os frequentadores aprendem a estar com os homens, mimetizando relativamente formas hierárquicas e, por vezes, rituais de violência/virilidade.

Bora porra! Todo mundo aqui é pica!

Os meus interlocutores costumavam olhar para os corpos dos outros frequentemente. Avaliavam-se mutuamente sugerindo a criação de parâmetros ideais para

² O presente manuscrito não tem como objetivo elucidar de forma aprofundada os processos de constituição da minha identidade – homem cis, heterossexual, casado, pai e socialmente percebido como branco – ao longo do trabalho de campo com os meus interlocutores. No entanto, à luz das reflexões de Shay de los Santos Rodriguez (2019), reconheço que o exercício de determinadas masculinidades na prática etnográfica vivida com esses homens, ao longo de um ano, impactou, de maneira intersubjetiva, as relações cotidianas, o que pode ser visto, ainda que de forma parcial, nos textos supracitados.

os seus corpos e desempenhos na prática da musculação. No ponto de vista de Kimmel (2016, p. 109):

Outros homens: nós estamos sob o exame minucioso e cuidadoso constante de outros homens. Outros homens nos assistem, nos classificam, outorgam nossa aceitação no domínio da masculinidade. A masculinidade é demonstrada para a aprovação dos outros homens. São os outros homens que avaliam o desempenho.

Na academia P, havia uma tendência dos homens repararem especificamente na construção muscular:

Aristides: Pô, cara, tu já tá com 50 centímetros de braço e quer mais pra que? Tu era magrinho, magrelão! Olha teu trapézio!

Joel: O corpo dele é genético ou treino. Só que ele também esconde a barriga e fica prendendo o ar. Eu tenho tendência ganhar apenas barriga. Tenho a síndrome do medo de engordar.

Montanha: Dizem que eu tô bem, mas não acredito no que falam. Nunca tô bem. Tô com 49 centímetros no braço direito e no esquerdo 48, vê se pode, não pode ficar assim não, foda, não entendo, sou destro.

Sheik: O dorsal do cara é mais desenvolvido do que o outro. Ele nem tem simetria! Deixa eu ver o seu braço com régua: cara, você tem 12 centímetros de um lado, logo você tem 24 centímetros de braço todo!

Já na academia G, notava que se preocupavam eminentemente na dimensão/volume do corpo, em especial, no que diz respeito a uma espécie de aversão à gordura:

Celso: Já vejo que o cara emagrece quando o rosto fica chupado, a barriga fica magra e vice-versa. Tu churriou, hein? Tá fazendo aeróbio? É o programa do governo fome zero?

Othon: Ele tá com pneuzinho! Por isso que agora ele não almoça e nem janta, né? Eu saí com 40% de gordura da avaliação e fui direto pro terapeuta!

Raphael: Você tem que usar meia longa pra ninguém ver a sua panturrilha. É muito fina! Eu não uso meia baixa por isso.

Jorge: Todos estão dizendo por aí que o professor tinha engordado. Ele fala que não, que só dormiu nas férias e que a olheira foi embora. Ele disse que estava se sentindo mais saudável e que a aparência melhorou.

A valorização do músculo na academia da Cidade de Deus e o distanciamento da gordura no estabelecimento da Barra da Tijuca podem ser interpretados com base na perspectiva de distinção de Pierre Bourdieu (1989). A busca de um físico aparentemente

mais volumoso, rústico e sacrificado na academia P e uma aparência mais seca ou delgada na academia G, constantemente negociadas entre eles, demonstravam como tais homens incorporavam dispositivos educativos peculiares de se engajar nesses estabelecimentos a partir das suas realidades socioculturais. Motivar-se para a fabricação de corpos mais brutos ou mais *slim* são processos simbólicos de uma construção sócio-histórica (Bourdieu, 1983).

Ainda que tenha sido possível identificar certos padrões de comportamentos, há a necessidade de não universalizar ou generalizar a forma como os homens se doam corporalmente na prática da musculação. Os modos de expressar dadas masculinidades em determinadas homossocialidades quando malham são marcados por processos pedagógicos de forma plural. Logo, embora exista um olhar comparativo entre machos na musculação (Santos; Prado; Francisco, 2021), as compreensões de como se motivar ou incentivar o Outro devem ser situadas espacial e temporalmente com base na intersecção de dados marcadores sociais da diferença. Connel e Messerschmidt (2013, p. 262) lembram que é possível definir “mil e uma variações da masculinidade” justamente por essa análise interseccional. Tal pluralidade de “ser homem” entre as academias P e G se coaduna com os atravessamentos de gênero-raça-classe discutido por Vigoya (2018), quando alerta e se atenta à dinâmica não essencialista da perspectiva civilizatória colonial sobre as masculinidades.

Logo, tais dados sinalizam que o pensar, o sentir e o agir dos homens em estarem dispostos para a musculação possuem maneiras educativas singulares a depender das condições econômicas e culturais. Com efeito, o que motivava ou incentivava eles malharem estava diretamente conectado com os aspectos materiais/objetivos e simbólicos que marcavam as suas experiências e trajetórias de vida, o que relativizava a construção do “ser homem”, conforme problematizado por Bourdieu (2012). Destarte, a ideia de músculo como rótulo de vigor simbolizando uma espécie de força moral, como descrito por Jean-Jacques Courtine (1995), precisa ser continuamente revisitada.

Ademais, os meus interlocutores também analisavam os treinos dos outros, cobrando certos comportamentos na academia. Rotineiramente, os homens dali não perdiam a oportunidade de apontar uma forma ideal de se engajar nos exercícios.

Na academia P, era inaceitável estar parado na sala de musculação. As interações com os meus interlocutores duravam entre 30 segundos a dois minutos, justamente pelo intervalo entre os exercícios. Qualquer indício de cansaço, os homens dali reproduziam algo do tipo: “Bora!” ou “Vai, porra!” demonstrando que malhavam sério:

Sheik: Tá dormindo no aparelho, porra? Tá malhando o queixo de tanto falar? Academia serve pra modelar o corpo e não é pra ficar de conversa! Os gordinhos ficam reclamando depois! Esses quiabos dormem nos pesos!

Paulão: Se é sala de bate-papo, vai pro murinho ali! Tá malhando a língua, seu merda! Você não quer nada na academia! Odeio quando dormem no supino!

Wanderson: Já fiz uma hora não tá bom não? Ainda fiz 40 minutos de *transport*...às vezes aqui eu preciso mentir porque ficam pilhando a gente, cara! Já me disseram pra não ter vergonha de fraqueza e sempre me questionam quando vou embora, eu nem me despeço da galera! Preciso mostrar disposição a toda hora, não posso parar pra conversar!

Já na academia G, esse olhar escrutinador quanto aos treinos do Outro eram mais sutis aparentemente:

Plínio: Olha lá ele sentado no aparelho, caraca! Só bebe água!

Hélio: Pára de correr com a mão assim! Tá ridículo!

Lucas: Ele fala muito, gosta de conversar! Deixa eu ir lá porque tenho que ir pro abdominal!

Thiago: Toda hora que converso muito, alguém me interrompe falando pra malhar daí a própria pessoa se pune. Se o professor me encontra aqui parado, ele me coloca no “tronco”, deixa eu ir lá porque teve um dia que até a faxineira daqui me falou pra não ficar parado!

Observava a tensão ou polarização entre eles sobre estar ativo ou passivo tanto na Cidade de Deus quanto na Barra da Tijuca. Eles constantemente reiteravam e valorizavam estar em movimento e não em passividade seja na musculação ou na vida social. Um legítimo homem estaria se fortalecendo corporalmente e correndo atrás de uma vida melhor em um contínuo exercício de se impor às adversidades físico-sociais.

Assim, o intervalo entre os exercícios se caracterizava por um período liminar entre ser ou não ser um “homem de verdade”. A recuperação ou o descanso (teoricamente em excesso) não fazia parte daquele universo masculino já que isso poderia vulnerabilizar ou fragilizar a sua fachada como homens durante o face a face (Goffman, 1977; 1979). Nesse sentido, havia uma cobrança permanente entre eles, marcada pela interpretação constante de que os Outros “sempre” se prolongavam demais nas pausas. Expressões recorrentes como “malhar garganta”, “conversar é no boteco” ou “bate-papo era fora da academia” delimitavam os lugares legítimos de ser homem ali.

Miriam Pillar Grossi (1995, p. 6) aponta que uma das definições de masculinidade se associa ao “ser ativo” que “no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o”. Welzer-Lang (2001, p. 468) também destaca que o heterocentrismo “distingue os dominantes, que são os homens ativos, penetrantes, e os outros, aquelas e aqueles que são penetradas/os, logo dominadas/os”. Logo, a suposta passividade dos intervalos entre os exercícios ameaçavam os homens de ambas as academias. Isso os aproximaria do mundo feminino ou os distanciariam da heterossexualidade, questão esta classicamente tratada por Connel (1995). Kimmel (1998, p. 105) lembra que “dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o sexismo e a homofobia”. Dessa maneira, a vigilância constante sobre os corpos e comportamentos dos homens pode ser interpretada como expressão daquilo que Eric Anderson (2009) denomina masculinidade ortodoxa, sustentada justamente por valores de força, heterossexualidade compulsória e rejeição da vulnerabilidade.

Durante o trabalho de campo na academia P, eu também passei por situações sociais que me cobravam como ser um homem na musculação, diferentemente da academia G, na qual eu não tive nenhum tipo de comentário sobre a minha circulação aleatória naquele espaço. Eventualmente, diziam que eu estava sumido da academia, mesmo cumprindo à risca a minha frequência semanal ali. Depois de um tempo, percebi que enunciavam isso como uma forma de se impor a minha pessoa, porque esses mesmos homens não vinham ou estavam ausentes por semanas ou meses. Para mitigar essas cobranças, eu usava as mesmas desculpas amplamente utilizadas pelos meus interlocutores: “estou vindo em outro horário”. Detectava tais mentiras quando eu realmente vinha nos horários indicados por eles ou quando eu confirmava com a recepcionista do local.

Descrevo duas passagens que ilustram como os homens dali justificavam qualquer aspecto que os colocassem em posição de não prestígio ante a minha figura na sala de musculação. Certo dia, ao abrir os braços cumprimentando gestualmente um dos alunos, o mesmo interpretou que eu estaria reclamando e se defendeu na seguinte direção: “Tô malhando, tô malhando, não tô parado, tá muito cheio!”. Em outra ocasião, ao expressar com o rosto a admiração pela execução do exercício de um aluno, o mesmo entendeu o oposto: “Quero ver você fazer isso! Não critica não!”. Como eu circulava sem me exercitar, chegaram a me nomear de “fiscal da natureza”, o que, de certo modo, fazia sentido já que, talvez, eu fosse mais um (homem) que iria criticar/fiscalizar a passividade deles naquele local.

Nesse contexto, destaco também que os sujeitos de ambas as academias julgavam determinados comportamentos (de risco?) que os outros estariam adotando para si. Embora David Le Breton (2009, p. 86) tenha apontado de que “as condutas de risco atingem sobretudo os jovens que vivem nas grandes aglomerações e que se originam de famílias que atravessam dificuldades relacionais”, via como os homens das academias P e G aprendiam e atribuíam peculiarmente juízos de valor a determinados comportamentos para/com o corpo.

Na academia P, os comentários se construía em uma perspectiva de condenar o outro homem:

Alex: Aí, sábado à noite vi um monte de frango bebendo muito!

Jonatas: Acho que ele é gay! Malha todo errado, faz supino como se tivesse pedalando uma bicicleta e ainda coloca mais peso de um lado do que do outro! Vai se fuder!

Prof. José: Encontrei um aluno ali fora da academia fumando antes de entrar. Até elogiei ele quando entrou porque, pelo menos, comeu uma banana antes de malhar! Ele falou que tava tentando parar. Não era nem pra ter começado...

Já na academia G, os relatos não somente atribuíam juízos de valor ao Outro, como também demonstravam que os homens dali tinham comportamentos patológicos:

Caio: O público daqui é diferente de toda academia. Os caras são fissurados, não podem fugir da rotina, tudo é ao extremo: estética, saúde; aqui o cuidado é absurdo! Pode ver isso no pós-festas!

Ronaldo: Tu é médico ortopedista e pega um brigadeiro na festa? Geral viu! A gente não conseguiu te salvar desse mal! Eu já nem saio mais porque tô de dieta! Eu não vou morrer que nem você!

Fernando: Voltei da França agora e tô com a culpa nas costas. Eu cheguei do aeroporto, comi e dormi durante uma hora pra treinar aqui. A galera já me criticou por isso! Eu tava afim de comer pizza, mas não posso, sei que não é legal, faz mal!

Estagiário Lico: Filho da puta tem um biotipo legal, tá com um corpinho maneiro, mas do nada aparece com uma barriguinha escrota! Também filho da puta come pra caralho porque a namorada chama pra comer besteira!

Entre as academias P e G, observava que havia certas singularidades no sentido de inferiorizar o outro homem, logo em uma espécie de hierarquização de masculinidades, conforme delineada por Connel (1995). Na academia da Cidade de Deus, buscava-se exclusiva e moralmente comprometer o sujeito perante a plateia de homens que ali se

exercitava forjando um imaginário social de que alguns teriam pouco desempenho dentro e fora do estabelecimento. Já na Barra da Tijuca, os sujeitos cultuavam uma forma supostamente ideal e medicalizada de cuidado de si no sentido de descredibilizar ou manipular a identidade dos atores sociais como homens não (tão) saudáveis.

Ainda que em ambas as academias existissem as situações de que “Os atores têm consciência da impressão que criam e geralmente também possuem informação destruidora a respeito do espetáculo” (Goffman, 2002, p. 135), atentava-me às singularidades de educar e expressar dadas masculinidades nesses espaços sociais e todas as possíveis violências e desigualdades relacionais entre homens (Marcos Nascimento; Raewyn Connel, 2017).

Destarte, influenciado por Bourdieu (2012), sentia que, diariamente, eu entrava em contato com um ambiente androcêntrico determinante nas interações face a face nas academias P e G. Os processos pedagógicos naturalizados de vigilância e automonitoramento corporal entre eles na musculação impactavam tanto os modos de aprenderem a “ser homem” quanto as formas de engajamento nos exercícios físicos.

Em suma, destaco que esses espaços da musculação funcionavam como territórios privilegiados de educação não-formal, conforme descrito por Trilla (2008), onde as aprendizagens e negociações de sentidos sobre masculinidades ocorriam de modo cotidiano, espontâneo e situado. As interações, cobranças, olhares e comentários observados nas academias P e G configuravam práticas educativas que extrapolavam o ambiente formal, mobilizando saberes, valores e regras implícitas orientadoras de comportamentos e formas de ser homem naqueles contextos. Assim, a musculação tornava-se uma “escola” em que os sujeitos eram continuamente educados e reeducados sobre o que significava uma masculinidade aceitável ou legítima, através de processos de socialização que envolviam disciplina corporal, vigilância mútua e construção identitária. Isso evidencia que a educação de/sobre gênero não se restringe às instituições escolares, mas permeia também as relações cotidianas e as práticas corporais.

Quer uma “bola” aí?

Os homens se ajudavam durante a musculação em ambos os estabelecimentos, no entanto, havia formas peculiares sobre o que chamavam de “dar uma bola”. Isto é, entre as academia P e G, também existiam modos singulares de auxiliar quem precisava de algum apoio com os exercícios. Independente dos graus de coesão entre esses homens, eu interpretava como uma maneira coletiva de manter e educar uma espécie de virilidade de

todos ali, pressuposto esse que ratifica a ideia de imputar uma masculinidade como reconhecimento homosocial (Kimmel, 2016).

O que mais me chamava atenção era a forma como se motivavam e incentivavam uns aos outros durante os treinos em grupo, especialmente entre dois ou mais homens. Entre contatos duradouros ou temporários, eles mantinham uma espécie de relativa irmandade ou companheirismo na malhação.

Na academia P, algumas situações regulares ilustravam certa coesão durante dadas homosocialidades na musculação. Aparentemente os iguais compartilhavam a mesma experiência naquele espaço de modo consensual e fixo entre os pares no sentido de se proteger na musculação. Segundo os alunos, os frangos, os *gays*, os fracos, os marombeiros, os adolescentes, os gordinhos, os magrinhos ou os calados costumavam se unir pelas características em comum. Alegavam que se apoiavam entre si, malhavam com seriedade e o tempo de intervalo serviria justamente para ajudar o outro já que o músculo (de um homem) não podia esfriar. Para eles, a infraestrutura, os aparelhos e os equipamentos de musculação estavam precários ou aquém da demanda dos matriculados, desanimando todo mundo que frequentava o local. Talvez, por isso, quando a musculação estava relativamente vazia, a estadia dos homens era mais curta comparada aos horários mais cheios. Cheguei a ouvir que “Fulano era a inspiração”, “sem vocês eu não malharia de verdade” ou “na outra academia, era muito parado”.

Geralmente em duplas compartilhavam a mesma sequência de exercícios/treinamento que a cada dia era modificada. No entanto, a carga era nivelada pelos mais experientes ou fortes. Além disso, iniciavam e encerravam os exercícios aeróbios sempre ao mesmo tempo. Na maioria das vezes, entravam e saíam do estabelecimento juntos. Quando havia qualquer assimetria desses acordos ou encontros, faziam questão de ligar para seu parceiro ou até repetir os exercícios de quem chegou atrasado para manter a “parceria”. Por vezes, me perguntavam se eu tinha visto “Beltrano” ou se eu sabia se “Sicrano” viria para que pudessem iniciar a malhação em grupo. Eventualmente, presenciava a chegada dos recém-matriculados na musculação em grandes grupos, entre quatro a sete homens.

Na academia G, havia também uma forma de homosocialidade na musculação no sentido de potencializarem seus “treinos másculos”. Entretanto, reparava que as duplas, os trios ou os grupos eram formados no mesmo dia ou eram descontínuos ao longo do tempo. Ademais, eventualmente, havia um homem que discutia, negociava ou tentava se impor ao(s) Outro(s) durante esses encontros sociais. Na concepção dos alunos, pagavam

caro para treinar, logo realizavam o que desejavam e não queriam ter que esperar o parceiro decidir o que fazer, o que revelava, de forma distintiva, como a camada social operava na produção dessa lógica de prioridade. Alguns alegavam que treinar em grupo facilitava o “bom andamento da sala”, pois não tumultuava a circulação das pessoas.

Via que as duplas alternavam as séries, elegiam quem seria o orientador do dia ou até individualizavam a carga em alguns exercícios. Embora tentassem manter os mesmos exercícios ou o tempo na musculação, rotineiramente se distanciavam entre si. Alguns se separavam temporariamente para que um pudesse realizar exercício aeróbico, enquanto o outro iniciava na musculação, por exemplo. Por vezes, executavam o mesmo exercício, mas com equipamentos diferentes: um com halteres e o outro com polias.

Assim, enquanto na academia P malhavam juntos até o final da sessão, na academia G havia um processo de individualização/diferenciação na forma como se engajavam nos exercícios. Logo, a ideia de monstro ou monstruosidade como sinônimo de um desempenho de exercitar dada masculinidade em direção a uma perspectiva de brutalidade e virilidade detectada por Igor Sacramento; Danielle Ramos Brasileira e Julio Cesar Sanches (2020) ou Santos, Prado e Francisco (2021) não se configurava da mesma maneira nas academias P e G.

Com efeito, registro a fluidez desses tipos de fraternidade entre homens modulados por determinados marcadores sociais da diferença. O par gênero-camada social, teoricamente distintivo entre os estabelecimentos analisados, demonstrava a multiplicidade de como os homens apre(e)ndem, expressam e interpretam as suas práticas com os Outros via culto/cultivação muscular, como pode ser visto no trabalho de Trevor Marchand (2008). Isto é, havia uma confiança de “dar uma bola” por meio de um verdadeiro aprendizado para/com/no corpo (Loïc Wacquant, 2002).

Desse modo, com base em Connel (1997), aponto que as lógicas de exercitar essas diferentes masculinidades durante esses auxílios nas academias P e G descartavam o essencialismo identitário que poderia caracterizar esses homens. Em outras palavras, enquadravam-se peculiarmente em distintos graus normativos de “ser homem”, fruto das próprias estruturas sociais (Connel, 1997).

Essas maneiras singulares de se ajudarem na academia P e G também podiam ser vistas quando (não) tentavam sincronizar os movimentos. Bastava olhar para a sala de musculação para capturar a (não) simetria (proposital) entre duplas, trios e grupos de homens.

Na academia da Cidade de Deus, de modo velado, os homens tentavam manter o mesmo ritmo de execução do início ao fim com o intuito de evitar certa desigualdade de prestígio entre eles. Um professor me relatou que os alunos dali chegavam a preparar a contagem: “um, dois, três e já!”. Quando enunciavam um elogio ou palavra de incentivo, costumavam responder implicitamente com gemidos, aumentar a carga ou jogar os pesos no chão. Registro uma típica ajuda: “Vamo, 1, vamo, 2, caralho, 3, que tesão, 4, vai, 5, isso, porra, 6!”. Nesta academia P, eu presenciava mais situações de auxílios entre eles. Por vezes, não se conheciam, mas ajudavam ou pediam auxílio. Ouvia que “era natural ajudar ali” ou o “apoio moral fazia parte de um segurar o outro” já que fazia a malhação render mais e ninguém desanimava ali. Além disso, via que não somente ensinavam exercícios entre si, como também explicavam como deveriam ser as tais “bolas” aos outros, pois, por vezes, os profissionais não compareciam ao expediente de trabalho³.

De certo modo, a própria academia P e os profissionais apoiavam essa malhação em grupo. A recepcionista do local me disse que quando três desistiam da academia “acabavam levando seis”, o que comprometia o elemento financeiro do estabelecimento. Tive a oportunidade de encontrar várias fichas de treino que tinham dois nomes (teoricamente de homens). Alguns alunos me contaram que havia um professor que tentava “prescrever pra geral” ao mesmo tempo, como se a musculação fosse uma aula coletiva. Cheguei a presenciar um professor realizando um aulão de abdominal no centro da musculação, tentando obrigar a todos os homens seguirem a sequência e o ritmo dos exercícios.

Já na academia da Barra da Tijuca, cada um realizava os exercícios no seu ritmo, sem a pretensão de igualar ao outro. Evitavam elogios entre si ou, no máximo, desejavam “bom treino!”. No entanto, a ajuda mútua vinha na forma de toque, olhar ou até mesmo do próprio silêncio/concentração entre eles. Quando estavam sozinhos, utilizavam fones de ouvido para se distraírem ou realizavam seus treinos de modo parcial, seja “pulando” exercícios ou realizando menos séries/repetições/cargas. Todas essas situações também podiam ser observadas entre os professores. Estes profissionais costumavam exigir

³ Embora eu evitasse participar desses rituais de “dar uma bola”, sentia que precisava retribuir a atenção dos meus interlocutores quando mais precisavam. Eventualmente, eu supria a parceria que eles tinham ali; gritavam-me e usavam-me em último caso, pois, como um sinal de distinção, eu continuava não sendo dali ou pelo fato de não malhar naquele local. Parecia que eu tinha mais interações e prestígio quando os ajudava, o que fazia com que eles verbalizassem: “bora malhar!”. Entretanto, eles não perdiam a oportunidade de registrar que eu ainda tinha que aprender a dar uma bola – leia-se “eu ainda não era um homem igual a eles”.

“postura” de seus pares ou dos frequentadores, ou seja, homens deveriam se apresentar “eretos” durante a execução dos exercícios ou na própria vida.

A própria academia G parecia assumir o papel de incentivar seus/suas frequentadores/as. Existia uma espécie de programa de acolhimento, no qual o/a estagiário/a ou o/a professor/a se mantinham próximos dos/as recém-chegados/as. Notei, entretanto, que essa estratégia surtia maior efeito entre as mulheres. A academia G utilizava os seguintes *slogans*: “Se adaptar a nova rotina pode demorar ou não! O programa ‘X’ oferece assistência necessária para você se adaptar o mais rápido e com isso tirar o máximo de proveito. E o melhor, você não paga mais nada por isso, aproveite!” ou “Falta de tempo não é mais desculpa! Com apenas 30 minutos, três vezes por semana, você faz uma série com exercícios aeróbios, de resistência muscular e alongamento com o acompanhamento de um instrutor. E melhor de tudo você não paga a mais por isso, experimente o programa ‘Y!’”.

Logo, “dar uma bola” nas academias P e G evidenciavam como o processo educativo não-formal (Trilla, 2008), estava intrinsecamente presente na socialização dos homens nos ambientes da musculação. Registro que isso não se tratava apenas de aprender técnicas ou exercícios, mas de construir coletivamente valores, normas e formas de reconhecimento em torno da masculinidade, sobretudo de “machos em parceria”. A reciprocidade do auxílio, o incentivo em voz alta ou até mesmo o acompanhamento silencioso funcionavam como estratégias pedagógicas que reforçavam os padrões social e hegemonicamente construídos do que é ser homem naquele contexto. A musculação tornava-se um espaço educacional que ultrapassava a simples instrução formal. Isso permitia a circulação e a negociação de saberes e comportamentos que eram fundamentais para o pertencimento e a validação homosocial, reforçando identidades masculinas situadas histórica e socialmente, já (re)discutidas por Connel e Messerschmidt (2013).

Esses modos distintivos de ajuda entre os homens expressavam diferentes configurações das clássicas masculinidades hegemônicas e subordinadas à la Connel (1995) nas academias P e G. Na academia Cidade de Deus, havia uma aparente coesão e sincronização nos exercícios que sugeriam a reprodução de uma masculinidade mais coletivista e marcada pela demonstração de força e virilidade. Na academia da Barra da Tijuca, apresentava uma dinâmica mais individualizada, em que o cuidado com o corpo se entrelaçava às lógicas de autonomia e distinção social. Isso reforça a noção de que as masculinidades não são fixas ou homogêneas, mas múltiplas, negociadas e construídas em contextos específicos. Dessa forma, o ato de “dar uma bola” funcionava não somente

como uma prática de auxílio físico, mas também como um ritual que legitimava e articulava as diferentes formas de ser homem nesses espaços corporais (ou educacionais não-formais).

Considerações Finais

Foi possível compreender como as distintas homosocialidades masculinas podem constituir formas de motivação e incentivo na prática da musculação de maneira relativamente singular entre os estabelecimentos. Ressalta-se que foram detectadas tendências comuns ou disposições corporais regulares entre os distintos grupos de homens aqui investigados, descartando qualquer tipo de determinismo analítico de regras rígidas de comportamentos masculinos, haja vista a dinâmica da construção sócio-histórica das próprias estruturas de gênero (Connel; Rebecca Pearse, 2015).

Destarte, comparativamente, na academia P, as interações e situações sociais que envolviam as motivações e incentivos entre os homens sugeriam ser processos pedagógicos mais diretos e incisivos do que na academia G. Isso não significava que a intensidade de cobrar de si ou julgar o Outro quanto ao desempenho na musculação era maior ou menor neste ou naquele estabelecimento. Tratava-se, especialmente, de maneiras mais explícitas ou implícitas em exigir dadas formas de expressar as diferentes masculinidades que circulavam naqueles espaços sociais. Portanto, inspirado em Pedro Paulo de Oliveira (1998), defendo que isso não permite a vitimização ou condenação individualizada dos homens, mas, sobretudo, entender os dispositivos de agência ante a uma estrutura social marcada por uma miscelânea de masculinidades.

Indubitavelmente, investigações sobre as interações sociais entre homens nesses espaços denominados de não-formais são locais privilegiados para capturar a diversidade de produção, expressão e de educação de determinadas masculinidades. Para futuras pesquisas (etnográficas) especificamente na musculação, recomenda-se não somente recortes analíticos com foco em outros marcadores sociais da diferença, como também uma articulação de uma antropologia do digital buscando entender como as distintas tecnologias e mídias modulam a construção e o processo educativo do “ser homem” nesses estabelecimentos de culto/cultivação do corpo atualmente.

Referências

ANDERSON, Eric. *Inclusive masculinities: the changing nature of masculinities*. London: Routledge, 2009.

BRITO, Leandro Teófilo de; LEITE, Miriam. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017.

BRITO, Leandro Teófilo de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 11, p. 284-302, 2019.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gender in world perspective*. 3. ed. Cambridge: Polity Press, 2015.

CONNEL, Raewyn. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.

CONNEL, Raewyn. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLAVARRIA, José (Orgs.). *Masculinidad/es: poder y crisis*. Santiago: Ediciones De Las Mujeres, 1997. p. 31-48.

CONNEL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (Org.). *Políticas do corpo*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114.

DEVIDE, Fabiano Pries; BRITO, Leandro Teófilo de (Orgs.). *Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte*. São Paulo: nVersos, 2021.

GARCIA, Rafael Marques. Consumo de drogas em uma academia de ginástica do Rio de Janeiro: uma microrrealidade de homens gays. In: SILVA, Alan Camargo (Org.). *Corpo e práticas corporais em academias de ginástica*. Curitiba: Bagai, 2022. p. 151-162.

GOFFMAN, Erving. The arrangements between the sexes. *Theory and Society*, California, v. 4, n. 3, p. 301-331, 1977.

GOFFMAN, Erving. *Gender advertisements*. New York: Harper & Row, 1979.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, p. 4-37, 1995.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sérgio. Em cena, os homens... *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 370-375, 1998.

- KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.
- KIMMEL, Michael. Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. *Equatorial*, Natal, v. 3, n. 4, p. 97-124, 2016.
- LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- LE BRETON, David. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados, 2009
- MALINOWSKI, Bronisław. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: ZALUAR, Alba. (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. São Paulo: Francisco Alves, 1980. p. 39-61.
- MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 79-137.
- MARCHAND, Trevor. Muscles, morals, and mind: craft apprenticeship and the formation of person. *British Journal of Educational Studies*, London, v. 56, n. 3, p. 245-271, 2008.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naif, 2015.
- MOREIRA, Lucas Maroto. *Brodagem, moral e músculo: a malhação de rua em Salvador*. 2023. 245f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.
- NASCIMENTO, Marcos; CONNELL, Raewyn. Reflecting on twenty years of masculinities: an interview with Raewyn Connell. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 3975-3980, 2017.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a Masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Edyr Batista de. “Cada um sabe do seu próprio corpo”: masculinidades, projetos corporais e treinos. 2017. 246p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- RODRIGUEZ, Shay de los Santos. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. *Revista Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 276-291, 2019.
- RUBIO, Katia. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia, Ciência e Profissão*, Brasília, v. 19, n. 3, p. 60-69, 1999.

SACRAMENTO, Igor; BRASILIENSE, Danielle Ramos; SANCHES, Julio Cesar. A fábrica de monstros: performances da masculinidade em entrevistas com Léo Stronda. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 2, p. 164-177, 2020.

SANTOS, Victor Cesar Belloni dos; PRADO, Vagner Matias do; FRANCISCO, Marcos Vinicius. “Tá monstrão”! A construção da masculinidade em uma academia de musculação. *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 12, n. 1, p. 34-53, 2021.

SASSATELLI, Roberta. Interaction order and beyond: a field analysis of body culture within fitness gyms. In: FEATHERSTONE, Mike (Ed.). *Body modification*. London: Sage Publications, 2000. p. 227-248.

SEFFNER, Fernando. Entrevista: Masculinidades. *Revista Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 8, n. 2, p. 6-19, 2019.

SILVA, Alan Camargo. “Limites” corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas. 2014. 446f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Homens no “limite” das dores na musculação de uma academia de ginástica de bairro popular: uma etnografia sobre formas plurais de expressão da masculinidade. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 89-98, 2016.

SILVA, Alan Camargo. *Corpos no limite: suplementos alimentares e anabolizantes em academias de ginástica*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Marombeiros e marombeiras em duas academias de ginástica cariocas: dores e usos do corpo sob a ótica das intersecções de gênero e de classe social. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 13, n. 31, p. 1-26, 2018.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Rituais de iniciação à dor entre homens na musculação: etnografia de uma academia de ginástica. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 160-173, 2019.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. Corpo “educado”: atuação pedagógica de professores de Educação Física em academias de ginástica. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 63, p. 1-16, 2020a.

SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. “Homens bombados e embalados”: masculinidades e músicas sobre anabolizantes em uma academia de ginástica. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 25, n. 267, p. 2-20, 2020b.

SILVA, Alan Camargo. Uma etnografia encarnada: imagens e identidades corporais de um pesquisador em uma academia de ginástica. In: FERREIRA, Jaqueline; BRANDÃO, Elaine Reis (Orgs.). *Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde: desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. p. 183-207.

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; BRITO, Leandro Teofilo de. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. *Áskesis*, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 26-38, 2018.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume (Orgs.). *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2008. p. 15-58.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

Recebido em julho de 2025.

Aprovado em agosto de 2025.